

**INFÂNCIA E GÊNERO:
A DELICADA ABORDAGEM NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**CHILDHOOD AND GENDER:
THE DELICATE APPROACH IN THE CONTEXT OF CHILD EDUCATION**

Lucimar Alves Valenzuela¹
Ordalia Alves Almeida²

Resumo

Este artigo trata da delicada abordagem sobre infância e gênero e objetiva, por meio de produção científica relacionada ao tema, expressar como ocorre a abordagem das relações de gênero na Educação Infantil. E, também, identificar, dentro das perspectivas teóricas, como o professor aborda e planeja a discussão de gênero na Educação Infantil; como as crianças se apropriam e lidam com a discussão de gênero na Educação Infantil e qual será a melhor forma de se abordar a família sobre a discussão de gênero na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa documental, por meio de buscas no LILACS, Bireme, SciELO, portal de periódicos da CAPES, nos quais foram analisadas algumas dissertações, tendo por temática gênero e Educação Infantil. Baseado na análise dos trabalhos selecionados, de acordo com o critério de inclusão deste estudo, conclui-se que a realização do referido estudo nos possibilitou a compreensão sobre os modos como meninos e meninas criam suas próprias experiências de gênero, tendo a percepção do quanto é primordial para que os/as profissionais da Educação Infantil possam mediar esse processo da melhor forma possível, criando estratégias e práticas pedagógicas a partir das questões demandadas pelas crianças. Se houver capacitações iniciais e continuadas para os profissionais de educação essa compreensão acerca desse processo pode favorecer o planejamento de ações educativas focadas nas experiências das próprias crianças, não deixando de lado as especificidades que envolvem seus processos de constituição como seres humanos, inclusive aqueles relativos à constituição enquanto sujeitos de gênero.

Palavras chaves: Infância, Gênero e Educação Infantil.

Abstract

This article deals with the delicate approach on childhood and gender and aims, through scientific production related to the theme, to express how the approach of gender relations in Early Childhood Education occurs. And, also, identify, within the theoretical perspectives, how the teacher approaches and plans the gender discussion in Early Childhood Education; how children appropriate and deal with gender discussion in Early Childhood Education and how best to approach the family about gender discussion in Early Childhood Education. It is a documentary research, through searches in LILACS, Bireme, SciELO, CAPES journals portal, in which some dissertations were analyzed, with the theme Gender and Early Childhood Education. Based on the analysis of the selected papers, according to the inclusion criterion of this study, it was concluded that the accomplishment of this study allowed us to understand the ways in which boys and girls create their own gender experiences,

having the perception of how much is so that the professionals of Early Childhood Education can mediate this process in the best possible way, creating pedagogical strategies and practices based on the questions demanded by the children. If there is initial and ongoing training for educational professionals, this understanding about this process can favor the planning of educational actions focused on the children's own experiences, not leaving aside the specificities that involve their processes of constitution as human beings, including those related to constitution as subjects of gender.

Key words: Childhood, Gender and Early Childhood Education.

INTRODUÇÃO

Desde 1970 são realizados estudos de gênero como um campo de pesquisa interdisciplinar em substituição ao que seriam denominados como “estudos sobre a mulher”, cujo objetivo é compreender as relações de gênero no mundo social. Simone de Beauvoir abalou os meios intelectuais há mais de 50 anos com a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A expressão causou impacto e ganhou o mundo (LOURO, 2008).

Como professora e coordenadora de um Centro de Educação Infantil, percebo em nossa jornada do dia a dia o anseio e o cuidado das/os professoras/es em orientar as crianças com relação ao gênero. Por isso, temos uma enorme necessidade em realizar pesquisas e buscar outras alternativas para contribuir com uma formação sem distinção de gênero nas crianças, de modo a ajudá-las a conquistar confiança em si próprio.

Por esses e tantos outros motivos, faz-se necessário que as creches e escola tenham professores/as engajados/as e preparados/as para esclarecimentos sobre as dúvidas que norteiam os/as os educandos/as. Dessa maneira, os/as professores/as estarão contribuindo com subsídios morais, sociais, literários e até mesmo científicos, para que cada educando identifique, respeite e aceite suas necessidades e desejos, assim também como a do/a outro/a.

A pesquisa foi realizada por meio de levantamento de dados nas plataformas do LILACS, Bireme, SciELO, portal de periódicos da CAPES e GOOGLE ACADEMICO, nos quais foram analisadas algumas dissertações, tendo por temática gênero e Educação Infantil. Foram considerados trabalhos produzidos sobre a

temática, obedecendo aos seguintes descritores: gênero, relações de gênero e Educação Infantil. Dos 206 trabalhos encontrados, ainda foi necessário estabelecer alguns critérios de exclusão. Após eliminar as repetições e todos os artigos que utilizavam “gênero” exclusivamente com funções sócio demográficas, assim como aqueles que se referiam apenas como uma categoria taxonômica ou apenas mencionava esse conceito somente no contexto de uma revisão de literatura. Com a leitura desses artigos, foram ainda excluídos aqueles cuja versão completa não estava disponível ou que não apresentava, de fato, os termos pesquisados neste estudo no resumo e após realizar um filtro onde foi verificado os objetivos dos artigos, foi descartado os que não possuíam objetivos semelhantes ao trabalho proposto, sendo assim conseguiu-se reunir um total de 26 artigos referentes ao tema

Na primeira parte, “Gênero e identidade na infância: argumentação teórica” promovi um diálogo com os autores que apresentam argumentos científicos sobre a temática em questão, maneira a dar sustentação à minha argumentação e à pesquisa empírica em que estabeleci uma relação entre os fatos os evidenciados e o conhecimento produzido.

Na segunda parte, “Diferenças entre sexo e gênero: conceitos teóricos”, busquei evidenciar as diferenças sobre gênero e sexo com algumas referências teóricas como SCOTT, PISCITELLI e PACHECO. Procuro estabelecer um diálogo entre esses referenciais principalmente, e outros como DAVIS, SILVA, FINCO e LOURO.

Na terceira e última parte, “Construindo a identidade de gênero: o que abordam os estudos e pesquisas”, evidenciei aspectos relevantes das pesquisas de SAYÃO, PAECHTER, RIBEIRO, SOUZA, CRAVO, BERTUOL e PIMENTA. Procurando sempre manter um diálogo que possa corroborar com os objetivos do trabalho proposto.

A realização desta pesquisa documental permitiu-me compreender sobre os modos como meninos e meninas criam suas próprias experiências de gênero, tendo a percepção do quanto é primordial para que os/as profissionais da Educação Infantil possam mediar esse processo da melhor forma possível, criando estratégias e práticas pedagógicas a partir das questões demandadas pelas crianças. Se houver capacitações iniciais e continuadas para os profissionais de educação essa compreensão acerca desse processo pode favorecer o planejamento de ações educativas focadas nas experiências das próprias crianças, não deixando de lado as

especificidades que envolvem seus processos de constituição como seres humanos, inclusive aqueles relativos à constituição enquanto sujeitos de gênero.

Gênero e Identidade na infância: argumentação teórica

Sabe-se que a construção da identidade inicia-se na primeira infância, e que a família e a escola são de importância notória nesse processo de reconhecimento da própria identidade, permitindo à criança reconhecer as próprias características básicas, ainda nos primeiros anos de vida. Na sociedade atual é imprescindível uma vasta discussão de temáticas como racismo, sexismo, discriminação social e cultural, homofobia, toda a forma de intolerância religiosa e outras formas de discriminação para que ocorra a construção de uma sociedade democrática (HALL, 2003).

Gênero é um tema muito debatido hoje em dia, mas o que sabemos sobre o mesmo? O ser humano é muito complexo e possui muito mais do que os aspectos biológicos e fisiológicos do corpo. E todos esses aspectos não são suficientes para esclarecer todas as nuances do ser humano. O estudo de gênero compreende aspectos da psique e explica alguns comportamentos humanos, sentimentos e anseios (PAECHTER, 2009). Nesse contexto, o conceito de gênero é mais variável do que o de sexo, cabe esclarecer que um indivíduo pode pertencer ao sexo feminino e ao gênero masculino, ou vice-versa. Pode ser colocado com algo que diferencie mulheres de homens, vindo existir o gênero feminino e masculino. Mas assim descreve-se uma definição tradicionalista, em que poderíamos estar utilizando da palavra gênero como sinônimo de "sexo", para assim, podermos dizer o que é próprio do sexo feminino ou do sexo masculino (DIAS, 2008).

Finco (2003), em sua pesquisa discute as formas de brincadeiras de meninos e meninas, em uma escola municipal de Educação Infantil, buscando questionar o fato "natural" de que meninos e meninas possuem papéis e comportamentos socialmente pré-determinados. Apresenta uma reflexão sobre a troca de papéis sexuais nas brincadeiras, fazendo uma discussão sobre os brinquedos considerados "certos" e "errados" para cada sexo. A análise opõe-se às pesquisas que consideram que meninos e meninas demonstram comportamentos, preferências, competências, atributos de personalidade mais apropriados para o seu sexo, seguindo, desde bem pequenos, as normas e padrões estabelecidos. Desse modo, o estudo foi proposto

para tratar o tema das relações de gênero em uma perspectiva diferenciada, na tentativa de construir um olhar não "adultocêntrico", observando atentamente as transgressões dos papéis de gênero nos momentos de brincadeira, possibilitando enxergar novas formas de ser menino e de ser menina.

Finco (2004), cita que existe uma hierarquia de gênero onde a mesma é contestada e mantida tanto pelos meninos quanto pelas meninas, no mesmo ambiente público e coletivo da educação. Seu trabalho identifica como as meninas e os meninos vêm fazendo parte das transformações em nossa sociedade, que eles são os condutores da história, sendo os atores dos processos sociais e culturais que os mesmos reproduzem.

Vianna; Finco (2009), afirmam que as preferências não são marcadores de características originários do corpo biológico, mas sim construções históricas e sociais. Dessa maneira, torna-se inviável entender as diferenças entre meninos e meninas com as tantas explicações fundamentadas na teoria do determinismo biológico, utilizando-se conseqüentemente da fisiologia e da anatomia como meras relações, sendo que as identidades de gênero na modernidade são outras.

Devido ao meio social e cultural, construíram-se disparidades entre homens e mulheres. A escola sempre possuiu um papel importante na construção de uma nova realidade que rompa com os paradigmas, hierarquias, divisões e estereótipos. Contudo, na pesquisa realizada por Freitas (2016), que teve como objetivo identificar as principais percepções de professoras de uma escola pública de Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental I sobre as manifestações da sexualidade da criança no ambiente escolar observou-se que em diferentes momentos foi identificada a presença do preconceito sexual e de um cenário de bullying.

O que coaduna com dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) que aponta a existência de preconceito e homofobia na escola. Vimos que a homofobia pode ser definida como a "rejeição ou aversão a homossexuais e/ou à homossexualidade", expressas habitualmente por "atitudes estigmatizantes ou discriminatórias" (UNESCO, p 04, 2013).

A UNESCO (2013) destaca ainda que a homofobia é altamente prejudicial, pois mina as oportunidades educacionais e de aprendizagem de estudantes. Segundo ela, a escola está "possivelmente entre os espaços sociais mais homofóbicos que existem" (UNESCO, p 04, 2013), sendo que nela a exclusão é naturalizada.

Toda escola, que visa a efetivação de uma educação totalmente inclusiva, precisa estar aberta para a diversidade, porém a sua transformação não deve se remeter somente a questões de acessibilidade arquitetônica. A escola deve possuir acessibilidade e receptividade ao diverso em todos os seus espaços, como na parte estrutural, na proposta político pedagógica de ensino, na formação profissional do docente e todos os demais servidores que ali se encontram, afinal, todos/as, em maior ou menor grau estarão em contato direto e indireto e inseridos/as no contexto do processo de inclusão (BATISTA, 2011).

Drumond (2019), no trabalho em que tinha como objetivo problematizar as relações de gênero nas brincadeiras de meninas e meninos e no cotidiano de professoras e crianças de uma escola municipal de Educação Infantil no interior do Tocantins. Realizou observações em uma turma de pré-escola, com crianças de 4 a 5 anos de idade. Observou que a escola reproduz práticas sexistas e reforça a heteronormatividade. Mas, as crianças transgridem as fronteiras de gênero impostas e mostram que outras formas de convivência são possíveis. Verificou ainda a importância de discussões sobre essa temática na formação de professoras e professores.

Já Souza (2018) em sua pesquisa em que objetivou, com o uso da linguagem fotográfica, desvelar as relações de gênero construídas por crianças no tempo das brincadeiras livres no espaço escola, observou as crianças no momento “Brincadeira Livre” na Creche Ana Sousa e percebeu como elas estabelecem possíveis relações de gênero durante o brincar e o manuseio de artefatos culturalmente impregnados de sentidos *do que é de menina* e *do que é de menino*. A pesquisa foi desenvolvida com uma Turma de Pré-Escola II, crianças na faixa etária de 04 e 05 anos. O estudo evidenciava que a brincadeira é um espaço rico para refletir sobre a equidade de gênero na pré-escola. Por outro lado, revela que para falar de igualdade de gênero há de se construir novas perspectivas educacionais no que concerne à educação infantil, uma vez que meninos e meninas, no ensaio etnofotográfico, mostraram-se presas/os a convenções instituídas historicamente na sociedade sobre o que seja o brincar. Por fim, mostrou-nos um possível caminho à equidade de gênero, assentado na emergência de propostas pedagógicas que busquem mediações possíveis entre as novas perspectivas acerca do tema gênero na educação infantil. Sinalizando, assim, uma educação que possa realmente contribuir para a construção de uma sociedade mais ética e tolerante às diferenças.

Todos esses estudos revelam-se como importantes fontes para a consolidação de conhecimentos sobre a temática de gênero na Educação Infantil, bem como oportunizam a criação de argumentos importantes para se discutir, bem como justificar algumas práticas no contexto de instituições de Educação Infantil.

Diferenças entre sexo e gênero: conceitos teóricos

O humanismo trouxe diferentes formas de enxergar o ser humano, as essências começaram a ser mais valorizadas e o mesmo passou a ser objeto de pesquisa na busca pelo autoconhecimento. Com isso as diferenças entre os termos sexo e gênero não se prende apenas ao vocabulário o a simples utilização de uma palavra alternativa, uma vez que envolve processos sociais e históricos importantes (SCOTT, 1995).

O conceito de gênero vem disseminando-se rapidamente a partir de 1980. Sexo, gênero e orientação sexual acabaram perdendo o contexto de identidade cultural e condição humana após o movimento de liberdade sexual, iniciado no século XX. Nesse contexto as mulheres passaram a ter direitos sobre o próprio corpo, como se descobrir física e mentalmente (SCOTT, 1995). No auge das discussões acadêmicas feministas percebe-se uma nova ênfase na utilização da categoria mulher e sua recriação nas discussões contemporâneas (PISCITELLI, 2001).

Até esse período os órgãos reprodutivos não diferenciavam os termos linguísticos e, nesse sentido, após o movimento da liberdade sexual, as definições das diferenças entre homens e mulheres acabaram ganhando centralidade. A mulher ainda era representada como mãe ou potencialmente grávida. A produção do conhecimento envolvendo as mulheres era voltada apenas para o ciclo gravídico-puerperal, sempre privilegiando a saúde do feto acima da mulher (DAVIS, 1975; SCOTT, 1995).

Entre as décadas de 1920 e 1930, as mulheres conseguiram romper mais algumas expressões em relação a desigualdade em termos formais e legais, as principais delas foram o direito ao voto, a propriedade e ao acesso à educação. Em relação à subordinação da mulher não ser justa e nem natural pergunta-se como se chegou a ele? (PISCITELLI, 2001).

A subordinação feminina é pensada como algo que varia em função de época histórica e do lugar do mundo que se estude, porém ela é vista como universal uma vez que parece ocorrer em todos os períodos históricos conhecidos. A subordinação é decorrente de como se constituem socialmente. Alterando a maneira como as mulheres são percebidas, seria possível mudar o espaço social por elas ocupada. As feministas criam um sujeito político coletivo, as mulheres, e tentam viabilizar estratégias para acabar com a subordinação (PISCITELLI, 2001).

Para Scott (1990), “o gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade”, ela argumenta que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. Esta preocupação vem de alguns estudos femininos que centravam as mulheres de maneira restrita, limitadas, assim a noção de gênero daria conta de que as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não poderiam ser entendidos separadamente (SCOTT, 1990).

Rubin (2003) defini o sistema sexo/gênero como o conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos de atividade humana e nas quais estas necessidades sociais transformadas são satisfeitas. Para Rubin (2003), um intercâmbio de mulheres seria um primeiro passo para a construção de conceitos através dos quais pensar na subordinação das mulheres, na medida em que mostraria essa subordinação como produto das relações, por meio das quais sexo e gênero são organizados e produzidos (PISCITELLI, 2001).

O que classificava o sexo era os órgãos genitais, herança biológica. Eles determinavam se o indivíduo seria homem ou mulher, o que, ocasionava no usufruto de privilégios e obrigações distintas (PACHECO, 2009).

Somente nos anos 1970 surgiu, com o crescimento da segunda onda do feminismo, uma crítica sistemática ao viés androcêntrico das ciências, fazendo emergir uma nova categoria que rejeitava o determinismo biológico da diferença sexual e enfatizava a construção social do masculino e feminino. Algumas correntes mostram que as causas originais da opressão feminina são associadas ao capitalismo patriarcado, uma vez que se leva em consideração a reprodução humana como determinantes. O feminismo radical diz que a origem da subordinação feminina está visivelmente localizada no processo reprodutivo, o papel desempenhado pelo homem e pela mulher na reprodução da espécie são fatores fundamentais de onde derivam

as características que tornam possível a dominação que os homens exercem sobre as mulheres (DAVIS, 1975; PISCITELLI, 2001; PACHECO, 2009).

Com isso, o conceito de gênero surge como a manifestação de uma insatisfação quanto a distribuição não equânime das responsabilidades na produção social do cotidiano. Ou seja, a distribuição de responsabilidades imposta pela sociedade não corresponde aos desejos das pessoas, sendo que, na maioria das vezes, os critérios desta classificação são sexistas, classistas e racistas (FINCO, 2003). O gênero é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, se torna, aliás, uma maneira de indicar as construções sociais sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. Assim sendo, pode-se admitir que se trata de uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (PACHECO, 2009).

Porém, diferente do gênero, sexo, como já havia sido dito antes, refere-se às diferenças biológicas supostamente inatas e restringe-se às características biológicas que permitem a reprodução (DAVIS, 1975; PISCITELLI, 2001; PACHECO, 2009). Ainda, de acordo com Finco (2010), o sexo é uma conformação física, orgânica, celular, que permite distinguir o homem e a mulher. Resumidamente, o sexo está mais restrito a caracterização genética e anatômica e fisiológica dos seres humanos. Já o gênero é um conceito das ciências sociais relativo à construção social do sexo, que vai muito além da simples diferença biológica (SILVA, 2000; LOURO, 1997).

Construindo a identidade de gênero: o que abordam os estudos e pesquisas

Nesta última categoria temática foram incluídas dez publicações (Pacheco, 2009; Louro, 1997; Paechter, 2009; Sayão, 2002; Ribeiro, 2015; Souza, 2015; Cravo, 2006; Finco, 2010; Bertuol, 2013; Pimenta, 2016; para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, de natureza exploratória e qualitativa, cujas fontes foram artigos científicos disponibilizados na base de dados LILACS, GOOGLE ACADEMICO e BIREME. Essas fontes foram acessadas em março de 2018, inicialmente combinando as palavras-chave “gênero” e “educação infantil” no mecanismo de busca da Lilacs. Para atender ao objetivo de abranger a pluralidade dos usos dos conceitos, não foi estabelecido um período temporal de publicação dos artigos. Foi feito uma ampla

busca de artigos relacionados com esta temática e após uma leitura mais objetiva dos mesmos, foram separados dez para uma ênfase no trabalho.

Primeiramente, quando toda criança nasce verifica-se se ela é saudável, a próxima preocupação é saber a qual sexo ela pertence. Após a sua rotulação sexual, a criança vai receber o tratamento diferenciado, de acordo com as normas sociais do grupo que ela pertence, e de acordo com o que a sociedade tenha determinado que seja apropriado para o sexo masculino ou feminino. Percebe-se que a distinção entre homens e mulheres é essencial para se compreender como pertencente a uma categoria (menino/homem ou menina/mulher), e que isso acontece já no nascimento de uma pessoa (PACHECO, 2009; LOURO, 1997).

Essa classificação biológica que determina a forma como será tratado, como a pessoa deve se portar no meio social, todas as influências e as expectativas que outros/as vão ter a seu respeito e, provavelmente, também, algumas restrições que a sociedade vai impor no que se pode fazer ou ser no decorrer da vida. Percebemos que ainda, para grande parte da população, o sexo é basicamente sinônimo de gênero e essa ação determina a forma como as crianças devem ser tratadas e seus modos de agir (PAECHTER, 2009).

Nota-se que as crianças estão construindo a sua identidade de gênero em conformidade ou em desacordo com os padrões pré-definidos de masculinos e femininos apresentados como ideais pelo grupo social. Porém, ainda dentro destas configurações, podem surgir identidades complexas em que os dois polos, tanto o masculino como o feminino se mesclam e se modificam no decorrer da vida. Percebe-se assim que a identidade de gênero não é algo fixo e imutável, é algo que pode ser ensinado durante toda a vida e que pode ser construído e constantemente alterado e reestruturado (SAYÃO, 2002).

O estudo de Ribeiro (2015) problematiza as falas de professoras que atuam na Educação Infantil, concebendo-as como enunciados. Os enunciados são de professoras que participaram de um curso de formação continuada na temática de gênero e sexualidade na infância. Para a referida pesquisa, foi utilizado como instrumentos metodológicos o registro de depoimentos individuais das professoras que apresentavam cenas do cotidiano da Educação Infantil na temática de gênero e sexualidade. A autora buscou analisar o material da pesquisa numa tentativa de transversalidade das falas das professoras com as potencialidades do conceito de enunciado de Foucault. Ao final do estudo, como a própria autora afirma, termina com

o que não tem fim, pois ainda há muitas problematizações a serem feitas referentes a pesquisa com as professoras que atuam na Educação Infantil. E pondera que houve uma conquista de uma legislação para a EI, mas, que há muito para conquistar em relação a temática de gênero e sexualidade.

A pesquisa de Souza (2015), buscou compreender as relações de gênero nos modos como as crianças interagem no contexto da Educação Infantil, procurando entender questões como os tempos e os espaços são usados e criados para compartilhar práticas que remetem as relações de gênero, que relações as crianças estabelecem com o próprio corpo e o corpo do outro e como as amizades são atravessadas por questões de gênero. Segundo a pesquisadora, os dados coletados foram realizados em uma escola municipal de Educação Infantil na cidade de Rondonópolis, no estado do Mato Grosso, tendo como sujeitos de pesquisa uma professora efetiva da rede e 20 crianças, com idade entre 5 a 6 anos. A pesquisa teve por base teórica os estudos culturais e como instrumento de coleta de dados utilizou a observação participante e a etnografia para investigar como as feminilidades e masculinidades são produzidas nas escolas de Educação Infantil. O trabalho de Souza, constatou que “os discursos presentes em sala de aula são pautados em relações binárias, que demarcam os tempos, os espaços e objetos que pertencem a meninos e meninas” (SOUZA, 2015) Concluiu, também, formas de resistências por parte das crianças ao que lhes é imposto, demonstrando que sempre há outras formas ou modos de ser e de agir com relação ao gênero.

Durante a infância, a identidade de gênero ocorre de forma ativa e constante, e diferente do que se imagina ela não é somente o que se pensa e se interpreta de si mesmo/a, é também o que se faz e o modo como se apresenta, variando com o tempo cronológico e os lugares em que se transita. A identidade de gênero acaba sendo uma percepção subjetiva, que vai ajudar meninos e meninas na sua idade de formação a incorporar valores e concepções no decorrer de suas vidas (SAYÃO, 2002). Cravo (2006) relata que o processo de aquisição da identidade de gênero é complexo e é construído com muitas dúvidas e expectativas perante os atores sociais.

Ao nascer toda criança é cercada de valores e normas preestabelecidas, de acordo com seu sexo, que afetam a forma de agir nesse processo de apropriação da identidade. A criança nessa fase construtiva busca sair do ser individual para o ser social, e nesse processo de socialização ela precisa de liberdade para que possa conseguir viver de forma adequada todas as suas experiências sociais e com isso

construir a sua subjetividade com equilíbrio emocional, podendo assim compreender as diversidades de gênero e que, também, rompa com as ideias preconcebidas e expresse a sua identificação sem receio ou culpa (FINCO, 2010).

Nesse aspecto, os/as adultos/as vão estimular as crianças a produzir diferenças de gênero em seus corpos, construindo, dessa forma, habilidades diferentes de acordo com o sexo, como por exemplo, as atitudes que irão ser valorizadas entre as meninas serão ternura, sensibilidade e carinho. Por outro lado, esses sentimentos vão ser inibidos entre os meninos. Dessa forma, o corpo será adestrado, arquitetado, moldado e construído de acordo com a cultura social, machista e patriarcal vigente. O significado de gênero abrange tanto as relações infantis como as atividades e também os espaços que são destinados aos meninos e as meninas (LOURO, 1997).

O trabalho de Bertuol (2013), descreve essas nuances sobre como os/as professores/as de Educação Infantil favorecem a construção de identidades de gênero hegemônicas e que as práticas destas/destes estão impregnadas pelas pedagogias de gênero que buscam o desenvolvimento de certas características, habilidades e também brincadeiras e brinquedos para meninos e meninas de forma marcadamente diferenciadas.

A pesquisa de Pimenta (2016), mostra o contrário, meninos e meninas podem sim falar sobre as relações de gênero, bem como outras coisas mais complexas. Por meio dos desenhos das crianças frequentadoras da Educação Infantil, a pesquisadora chega à conclusão que estas produções apresentam marcas de permanência dos estereótipos de gênero, assim como as rupturas com as desigualdades de gênero.

A análise destes trabalhos nos permite a construção de uma visão ampla relacionada a produções envolvendo a temática de gênero e educação infantil, com possibilidades investigativas e de intervenção na realidade da educação infantil. Ainda observa-se o quanto esse objeto de estudo é pouco explorado no meio acadêmico; destacando elementos de reflexão e discussão sobre a prática educativa na primeira infância, o currículo, a formação inicial e continuada de professores/as etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo da importância da construção do conceito de gênero como elemento fundamental na constituição e formação do ser humano, deve-se possuir um olhar diferente sobre a infância e estar atento quanto aos lugares que são impostos ao convívio social infantil e também na separação de espaços físicos entre meninos e meninas. A construção da identidade de gênero vai passar por inúmeras etapas e transformações no decorrer da vida, pois cada criança possui um tempo e momento distinto em sua formação. Sendo assim, a construção da identidade das crianças é um processo biopsicossocial, histórico e também simbólico que provém de experiências individuais e coletivas que vão construir diversas configurações de gênero, como identidades diferentes, únicas, múltiplas, contraditórias, instáveis e tampouco fixas (LOURO, 1997).

A realização do referido estudo nos possibilitou a compreensão sobre os modos como meninos e meninas criam suas próprias experiências de gênero, tendo a percepção do quanto é primordial para que os/as profissionais da Educação Infantil possam mediar esse processo da melhor forma possível, criando estratégias e práticas pedagógicas a partir das questões demandadas pelas crianças. Se houver capacitações iniciais e continuadas para os profissionais de educação essa compreensão acerca desse processo pode favorecer o planejamento de ações educativas focadas nas experiências das próprias crianças, não deixando de lado as especificidades que envolvem seus processos de constituição como seres humanos, inclusive aqueles relativos à constituição enquanto sujeitos de gênero.

De modo geral, esperamos que este estudo possa contribuir para o processo de sensibilização dos profissionais de Educação Infantil, sendo na relação com a produção da identidade de gênero, ou relacionado a qualquer outra forma de engajamento das crianças nos diferentes processos de socialização em que elas se envolvem. Sendo assim esse tema torna-se relevante para o adulto, para que ele possa ter uma melhor compreensão de como meninos e meninas produzem suas próprias experiências sociais.

Referências:

- BAPTISTA, C. R. **Ação pedagógica e educação especial**: a sala de recursos como prioridade na oferta de serviços-especializados. In: **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, Maio-Ago. v.17. Edição Especial. 2011.
- BERTUOL, B. **Coisas de menino ou de menina?** pedagogias de gênero nas escolas de educação infantil. Dissertação (Mestrado). Canoas/RS. Centro Universitário La Salle. 2013.
- CRAVO, A. C. A. **Brincadeiras infantis e construção da identidade de gênero**. Dissertação de mestrado. Universidade federal da Bahia. Faculdade de educação. 2006.
- DIAS A.R.C., MACHADO C. **Gênero e violência conjugal**: uma relação cultural. **Análise Psicológica**. 2008.
- DRUMOND, V., & da Silva, C. **Gênero e brincadeiras na educação infantil**: as relações entre professoras, meninas e meninos. *Revista Inter Ação*, 43(3), 666-680. 2019. <https://doi.org/10.5216/ia.v43i3.48963>
- FINCO, D. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. Pro-Posições. 2003.
- FINCO, D. **Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões**. UNICAMP. 2004.
- FINCO, D. **Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças**: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero. (Tese de Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.
- FREITAS, M. J. D. **Estigma e preconceito na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental**. *Gênero | Niterói | v.17 | n.1 |.sem*. 2016.
- HALL, S. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LOURO, G. L. **Mulheres na sala de aula**. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed., São Paulo. Contexto, 1997.
- LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.
- PACHECO L.D.B., TONELI M.J.F., NUERNBERG A.H. **De João a Joana**: gênero e brincadeiras-atribuição de significados no contexto da educação infantil [dissertação]. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina; 2009.

PAECHTER C. **Meninos e meninas**: aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Porto Alegre: Artemed; 2009.

PIMENTA, D. D. **O desenho de meninas e meninos na educação infantil**: um estudo sobre relações de gênero na infância. 2016.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a (categoria) mulher**. Campinas, 2001.

RIBEIRO, C. M. **No labirinto da educação infantil as falas de educadoras sobre gênero e sexualidade**. Revista Periódicus. 2ª edição novembro 2014 - abril 2015

RUBIN, G. O tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo. **Cadernos Pagú**, n. 21, p. p. 1-64. 2003.

SAYÃO, D. T. **A construção da identidade e papéis de gênero na infância**: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação infantil. Revista pensar a prática. v. 5, p. 1-14. Jul./jun. 2002.

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. RevEduc Realidade, vol. 16, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Sociedade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, C. *et al.* **Meninas bem comportadas, boas alunas, meninos inteligentes, mas disciplinados**. Cadernos de pesquisa, São Paulo. n. 107, p. 207-225, jul. 2000.

SOUZA, N. G. *et al.* **O brincar e as relações de gênero entre meninas e meninos na educação infantil desvelados pela linguagem fotográfica**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. UFPA - Campus Bragança. 2018.

SOUZA, G. C. **Educação infantil e relações de gênero**: o que se inscreve nos corpos infantis. 2015. 84 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Mato Grosso. 2015.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura. **Resposta do Setor de Educação ao bullyinghomofóbico**. Brasília: UNESCO, 2013.

VIANNA, C.; FINCO D. Meninos e meninas na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. Cad. n.33, Campinas. Julho/Dez. 2009.